



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## A CIÊNCIA E A ARTE.

SALAZAR, Adolfo

Ano: 1884 | Número: 1

---

### Como citar este documento:

SALAZAR, Adolfo, A Ciência e a arte. *Revista de Guimarães*, 1 (2) Abr.-Jun. 1884, p. 77-80.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## A SCIENCIA E A ARTE

---

A barbarie precedeu por toda a parte o estabelecimento das sociedades. Os primeiros deuses e os primeiros reis foram bemfeitores ou tyrannos. O reconhecimento e o terror erigiram altares e levantaram thronos. A superstição e o despotismo cobriram a superficie da terra. Às calamidades succederam novas calamidades, aos crimes novos crimes, às revoluções novas revoluções.

Atravéz d'este vastissimo espectaculo de paixões e miserias, apenas entrevemos um ou outro povo mais sabio e feliz. Emquanto que a maior parte do mundo era desconhecida, emquanto que a Europa permanecia miseravelmente inculta, emquanto a Asia luctava com a escravidão, via-se a Grecia al-tear-se, robustecer-se e constituir-se um povo extremamente recommendavel e instruido.

Se os exemplos fornecidos pelas antigas tradições não são motivos assáz evidentes para persuadir-nos que a feliz revolução que substituiu a barbarie pelas instituições sociaes não foi devida às artes e às sciencias, é, pelo menos, incontestavel que ellas concorreram exuberantemente para o aperfeçoamento do espirito humano. A reflexão e a experiencia devem convencer-nos d'esta verdade.

É desnecessario levar a vista pelos seculos anteriores ao nosso para vêr que se devem às sciencias todas as prosperi-

dades de que é susceptível o espirito humano. Athenas e Roma eram a principio pequenas e pobres: todos os seus cidadãos eram soldados; todas as suas virtudes eram necessarias; ensejos de corromper os costumes não os havia. Pouco depois adquiriram riquezas; uma parte dos cidadãos deixou a guerra; aprendeu-se a gozar e a pensar. No seio da opulencia ou do ocio, uns aperfeiçoaram o luxo, a occupação ordinaria dos homens felizes e faceis; outros, havendo recebido da Natureza as mais favoraveis disposições, alargaram os limites do espirito e crearam uma gloria nova. Assim, em quanto que uns, nos braços da voluptuosidade e nadando em riquezas, profanavam os costumes e as leis, accendiam e ataçavam outros o facho vivificante da philosophia e das artes, instruiam ou celebravam as virtudes e davam nascimento a esses nomes tão queridos do homem que sabe pensar — a grandeza d'alma e a sensibilidade.

Sparta, esse phenomeno politico, essa republica de homens virtuosos por excellencia, foi o unico povo que possuiu a gloria de ser pobre por instituição e por systema. As suas leis eram universalmente admiradas, apesar dos seus grandes defeitos. Athenas, a sabia, não foi menos guerreira que Sparta, e, do proprio seio da corrupção, viu surgir o mais sabio dos seus filhos. A gloria dos Lacedemonios foi pouco solida; a altiva Sparta perdeu os seus costumes, como Athenas: tel-os-hiam conservado sem essa grande prosperidade, que corrompeu as suas instituições, preparando-lhes a ruina.

As artes e as sciencias não contribuíram, nem podiam contribuir, para essas resultas. Uma prosperidade gigantea é seguida de perto pela corrupção. Se todos os Estados tivessem seguido as mesmas leis de Sparta, a sua ruina teria sido mais proxima e inevitavel; sem artes e sem conhecimento da ordem, todos os grandes systemas philosophicos eclipsar-se-hiam; a inestimavel commemoração dos grandes homens, que contribuíram para a gloria e felicidade da Humanidade, offuscal-a-hia o esquecimento; as gerações dos homens succeder-se-hiam como as dos animaes, sem nenhum proveito para a sua posteridade, deixando apenas após elles uma lembrança vaga e confusa da sua existencia; o mundo envelheceria, ficando o homem n'uma infancia perenne.

Os homens mais e melhor se entregaram ao commercio, ás descobertas, ás viagens, ao conhecimento das leis ignotas da Natureza quando a Europa, depois de tantas convulsões

violentas, tomou uma posição mais definida, uma forma mais favorável e próspera. Em quanto uns combatiam pela manutenção do Estado, outros, cidadãos felizes e tranquilos, cultivavam pacificamente as terras, faziam florescer as leis, o commercio, as artes e as letras: todas as profissões, emfim, applicadas ao seu objectivo, equilibrava-as e dispunha-as para o bem geral um braço poderoso, que as dirigia e guiava. Quantas nações barbaras não se viram civilisadas e florescentes pelas sciencias e pelas artes! Quadros d'estes podiam ter lugar em nações incultas onde as artes e as sciencias não fossem exercidas e levadas a uma altura tal, que o povo podesse chegar a esse estado de poder, de legislação perfeita, de commercio, de tudo, emfim, de que necessita para fruir uma grande felicidade?

Depois de muitos seculos de inacção, o espirito humano despertou d'um profundo somno; esse despertar trouxe aos homens uma existencia nova, elevando as potencias a um altaneiro grau de perfeição e de estabilidade. Se aconteceu algumas vezes que a gloria dos imperios não sobreviveu ao das letras, é porque estas foram desprezadas, é porque oppozeram á sua evidencia maximas contrarias á sua ordem natural: os seculos succedem-se pelas revoluções e a superstição atrophia os mais grandiosos systemas, conservando as nações na barbarie dos costumes, na alienação do espirito, privando-as das faculdades do espirito e das virtudes sociaes.

Com que fundamento se diz que as sciencias prejudicam as qualidades moraes? É por lhes darem ainda mais esplendor? A virtude é uma e indivisivel: depende do homem inspiral-a pelo exemplo e não sómente ensinal-a e pregoal-a; fazer com que a pratiquem, e não limitarem-se a ensinar-lhe a theoria.

Vejam os tempos em que a terra não era senão um vastissimo campo de batalha, de extorsões e latrocinios; em que os homens eram entes barbaros, julgando-se creados unicamente para escravisar, roubar e assassinar. A que foram devidas a anarchia, a crueldade, a estupidez, a depravação d'esses seculos senão á carencia das artes e das sciencias?

Agora que a scena do mundo está completamente transmutada, o que devemos esperar das mais sublimes idéas da gloria e da virtude? Espraemos a vista pela copia de revoluções, após as quaes nos tornamos no que somos, isto é, civilisados e esclarecidos. Em lugar de selvagens e barbaros que

eramos, somos agora civilizados e instruídos; onde estava a ignorância, que produz o erro, está agora a razão com os seus accordes sublimes, que penetram através do Ignoto. É com o seu auxilio que obtemos forças para vencer as paixões e substituir prestígios por luzes que adquirimos da educação para apreciar convenientemente as cousas: attractivos e compensações para nos distrahirnos do vicio e evitarmos os assaltos do erro. Podem-se contar os abusos que as paixões teem feito das artes e das sciencias — mas quem poderá enumerar os beneficios que incessantemente produzem?

O mais bello panorama que a Natureza pôde apresentar é a união da virtude com a felicidade — e as sciencias inspiram uma e outra conjuntamente. «Prétendre que la science est inutile — diz Holbach — c'est dire que les hommes n'ont besoin, pour se conduire dans ce monde, ni d'expérience, ni de raison, ni de vérité; ce qui n'est pas remettre l'homme dans l'état sauvage ou dans l'état de nature, mais le placer au-dessous des bêtes...»

As artes patenteiam ao homem as proporções justas dos seus interesses, e, com o adjutorio das sciencias, tornam-o engenhoso, activo, laborioso, civilizado, respeitador das leis. Ambas devem ser altamente estimadas, favorecidas, incitadas, porque uma é a riqueza, outra o prazer da alma educando a razão. Unidas ou separadas, são o encanto da sociedade, os laços mais suaves que vinculam os povos.

ADOLPHO SALAZAR.